

Mais que um livro científico, **que** efetivamente é e que a Universidade sancionou com toda justiça e mérito, esta obra é um grito de alerta contra a globalização cultural. É um livro contra os mediocres, que só têm os olhos direccionados para o estrangeiro, esquecendo uma importante cultura autóctone. É um livro inquietante, pois mostra-nos um humanismo que nós há muito renegamos das nossas relações do quotidiano. Mostra-nos que o lúdico, isto é, o simples divertimento da criança ou do adulto, está em perfeita harmonia com o mítico.



Universo Mítico-Ritual do Povo Tukano

Jefferson Jurema

Jefferson Jurema

Universo
Mítico-Ritual
do Povo
Tukano



Copyright © Jefferson Jurema, 2001

Editor
Isaac Maciel

Coordenação Editorial
Tenório Telles

Design e Direção de Arte
Marcicley Rego

Ilustrações
Moacir Andrade

Direção
Epifânio Leão

Revisão
Marcos Sena

Rosilene de Deus
Sergio Luiz Pereira

Normalização
Ycaro Verçosa

J96u Jurema, Jefferson.

O Universo Mítico-Ritual do Povo
Manaus: Editora Valer, 2001.

196p.

ISBN 85-7512-003-4

1. Antropologia indígena 2. Educação
I. Título.

CDU

2001

Editora Valer
Rua Ramos Ferreira, 1195
69010-120, Manaus-AM
Fone: (0xx92) 633-6565
E-mail: editora@valer.com.br

Sumário

Apresentação	11
O desporto como uma vertente social importante na Amazônia	15
No âmbito da cultura amazônica	19
Enquadramento panorâmico da região	25
A região do alto rio Negro	27
Área cultural	30
O povo	32
Os índios Tukano e a convivência com outras etnias	40
Aspectos mítico-rituais	43
Os rituais	54
Tarefa descritiva	69
Tarefa interpretativa	77
Atividades infantis	78
Os brinquedos infantis	81
Os jovens e a prática do futebol	83
Papel	84
Terra, poeira, pira	85
O jogo do peixe	90
A luta indígena	94
Ciclos e costumes de desenvolvimento da Amazônia	97
Alimentação – um momento lúdico	101
O nome dos Tukano	108

O agonismo encontrado na realização do ritual	111
Panorama corporal	118

Atividades lúdico-rituais **139**

Dança ritual do cariço	141
Dabucuri	142
Ritual de nascimento	148
Ritos de passagem	149
Ritual de passagem masculino	150
Ritual de passagem feminino	151
O roubo da esposa	152
Ritual de apanhar formigas	153
Ritual para benzer um brinquedo infantil	154
Festas	155

Espaços lúdico-rituais infantis – a casa dos macacos **157**

A aculturação dos jogos **169**

Jogo de voleibol	173
Jogo de basquetebol	174
Jogo de futebol	176
Condições dos resultados	178

Considerações apuradas **183**

Bibliografia	189
--------------------	-----

Apresentação

O livro que agora o Doutor Jefferson Jurema dá à estampa, tem como base a sua Dissertação de Doutorado, apresentada na Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto. Como tal, este livro é uma adaptação de um profundo trabalho académico, pelo que nem tudo que o autor escreveu foi aqui reproduzido. Por isso, não consta destas belas páginas uma afirmação do Doutor Jefferson em que diz que com a realização desse trabalho voltou a ser indígena.

Que fantástica afirmação esta, produzida por uma pessoa tão simples e verdadeira! Que magnífico grito de alerta a todos nós que queremos ser quem não somos! Ser amazonense não se pode reduzir ao facto de se ter nascido na Amazônia. Ser amazonense é compreender a cultura da Amazônia. É ter consciência que o homem tem também uma natureza telúrica, ligada ao local que o viu nascer. E se esse local foi a imensidão verde da floresta, é essa a nossa herança que, inevitavelmente, fica impressa no nosso ser, manifestando-se no pensamento e na acção.

No fim de contas, este trabalho permitiu que o autor acreditasse aquela famosa sentença de Píndaro: “sê quem és”. O Doutor Jefferson encontrou-se com a sua essência de pessoa. O conhecimento dos outros permitiu-lhe tomar consciência de si mesmo. E tudo isto através dos jogos e actividades afins do povo Tukano.

A Amazônia, ao longo dos séculos, tem sido alvo de visões diferenciadas. Para o europeu, a Amazônia é a expressão dos paraísos míticos dos primórdios da humanidade. É o local onde se encontra a mítica fonte da juventude, fonte esta há muito tingida de sangue. É o local da abundância, onde de uma

semente se consegue uma infinita colheita. É o local onde o homem é antes de o ser. Enfim, para o europeu, a Amazônia é aquilo que na realidade não é ou não deveria ser. A Amazônia é, nesta visão conflituosa do ocidental, o pulmão do mundo. É o rio Amazonas, e a floresta. É a riqueza imensa dos novos metais existentes no seu subsolo. O índio, elemento desse sofrido povo que resistiu estoicamente a todo o tipo de atrocidades, é apenas uma descontinuidade da paisagem.

Ora, o Doutor Jefferson mostrou-nos que, afinal, a Amazônia é, antes de tudo, o homem. Mostrou-nos isso sem nenhum preconceito ou complexo de superioridade de que a nossa civilização, a ocidental e urbana, é tão pródiga. Mostrou-nos que o homem da Amazônia é, naturalmente, igual a todos os outros. Mostrou-nos quão importante é a diversidade cultural, ou, se quisermos, a diversidade antropológica. Sim, porque o Doutor Jefferson é um verdadeiro antropológico. Não um antropólogo de qualquer luxuoso gabinete da grande cidade, mas um que se preocupa em conhecer o homem onde ele está e é.

Ler este livro, é ficarmos diante da Amazônia. Não daquela Amazônia idílica do europeu, ou da infernal Amazônia do cidadão urbano, mas da verdadeira Amazônia, aquela Amazônia das PESSOAS, sejam elas crianças ou adultos, homens ou mulheres. Ler este livro, é olharmos para um autêntico espelho, mas para um que não inverte a imagem, para um espelho que antes de reflectir a imagem reflecte sobre o ser que ali está na sua frente. Somos nós próprios que ali estamos a ser reflectidos e a proporcionar uma reflexão sobre nós mesmos.

E tudo isto conseguido através de um extraordinário trabalho etnográfico acerca do mundo lúdico do povo Tukano. E eu gostava, caro Leitor, que reparasse na palavra “acerca”. Falar acerca do povo Tukano é substancialmente diferente que falar sobre esse mesmo povo. “Acerca” implica estar no meio,

estar e ser com eles. “Sobre” é falar de cima, sem descermos ao seu meio. E para conseguir tão grande familiaridade, não restou ao autor alternativa à de ter que viver durante bastante tempo com o povo Tukano. Mas viver com este extraordinário povo amazónico não é só estar lá com eles. É, antes de tudo, ser com eles. E o Doutor Jefferson conseguiu ser com eles. É por isso que a paixão invade inúmeras vezes as páginas deste livro, num verdadeiro diálogo entre racionalidades.

Mais que um livro científico, que efectivamente é e que a Universidade sancionou com toda a justiça e mérito, esta obra é um grito de alerta contra a globalização cultural. É um livro contra os medíocres, que só têm os seus olhos direccionados para o estrangeiro, esquecendo uma importantíssima cultura autóctene. É um livro inquietante, pois mostra-nos um humanismo que nós há muito renegamos das nossas relações do quotidiano. Mostra-nos que o lúdico, isto é, o simples divertimento da criança ou do adulto, está em perfeita harmonia com o mítico. Mostra-nos que tudo na vida tem efectivamente um sentido, não existindo as descontinuidades que a nossa cultura estabeleceu. O tempo sério e o tempo não-sério, os dois pólos da nossa existência e que tantas angústias existenciais provocam na nossa sociedade — angústias estas já apontadas por Ortega y Gasset — fundem-se naturalmente no povo Tukano, formando uma verdadeira unidade ontológica.

Por outro lado o autor também se deu a conhecer. É um homem culto, preocupado com as grandes questões do nosso tempo e por isso mesmo sensível à maior manifestação cultural, qual seja, o desporto. Não de um desporto como expressão de uma cultura abstracta, mas, ao invés, como expressão de uma cultura situada no tempo e no espaço. E é por este motivo que rejeita a simplicidade de alguns discursos pretensamente humanistas que preconizam levar o índio a jogar futebol ou a praticar qualquer outra modalidade desportiva, como se fossem pessoas situadas num ambiente submetido à cultura industrial.

O Doutor Jefferson percebe o desporto como um fenómeno antropológico e por isso inscrito na cultura humana. Rejeita a tese, quicá materialista, do homem genérico, daquele homem concebido sem contexto cultural, do homem único, igual por todo o lado. Entende o homem – e por isso também as suas práticas lúdicas e recreativas – como um ser temporal e topográfico, pelo que apenas é possível conhecê-lo em situação. Compreende que o homem genérico é, mas só existe em cada um, como muito bem nos ensina um nosso amigo comum, o Doutor Manuel Ferreira Patrício. Desta forma, o trabalho etnográfico sobre o mundo lúdico ficaria incompleto se não fosse compreendido à luz do quadro axiológico vigente da cultura que o produziu, pois este extraordinário mundo não pode ser considerado desligado da pessoa humana.

Finalmente, importa enfatizar o alcance pedagógico do labor desenvolvido pelo autor. A Educação Física muito terá a lucrar se continuar com este verdadeiro resgate cultural, construindo um discurso enraizado na cultura tradicional, rejeitando aquele tipo de discurso onde o “como” é quase exclusivo, esquecendo a importância do “porque” e do “para quê” do exercício físico.

Estamos certos que esta obra-prima – prima por ser a primeira a ser publicada, mas não, felizmente, a única já realizada – se constituirá como um referencial para todos aqueles que querem realmente conhecer profundamente a cultura de um povo autóctene da Amazônia, o povo Tukano.

Rui Proença Garcia

Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física
Universidade do Porto



O desporto como uma vertente social importante na Amazônia

O fundamento antropológico do desporto tem sido buscado por várias correntes de pensamento. São de salientar os estudos clássicos de Huiizinga (1990), que associa o desporto como um fundamento social de grande importância para a categorização cultural dos povos, e o contributo de Caillouis (1990) que busca a classificação do jogo a partir de uma fundamentação teórica diversificada, que deixa, em seu conteúdo, alguns aspectos vistos com mais clareza nos rituais. Bento (1987) contribui de forma enfática para a fundamentação antropológica do desporto. Este divide-a em cinco temas que se entrelaçam na mesma conduta de pensamento, sendo eles os do corpo, do movimento, do jogo, da exercitação e o tema do rendimento. Para o presente estudo, centraremos nossa preocupação no tema do jogo e sua expressão na cultura amazônica. Por outro lado, buscamos visualizar a temática do desporto e dos rituais baseados nas mais recentes pesquisas da análise do

desporto e das atividades lúdico-rituais no ponto de vista simbólico, que têm como proponentes os trabalhos de Costa (1987), Garcia (1993) e Garcia e Jurema (1996 e 1998).

Encontramos na região do alto rio Negro várias práticas de jogos, onde a componente de aculturação se faz bastante evidente. Tomamos como exemplo o jogo de futebol, praticado por quase todas as comunidades, mas onde são modificadas as regras e a forma de jogo, conforme sua necessidade de aproximar o jogo ao ritual. Encontramos o jogo enquanto competição, pois organiza-se campeonatos de várias modalidades com o fim de eleger o melhor de cada disputa. Mas, é no jogo lúdico-ritual que centraremos nossa idéia de estudos. Embora algumas comunidades encontrem-se em estado amplo de aculturação, como é o caso das que habitam as regiões próximas aos municípios de São Gabriel da Cachoeira, Iauaretê e em toda calha subindo o rio Negro, onde se pratica o jogo com um conteúdo marcado na existência de fortes traços atuais, como por exemplo os implementos, as regras, as demarcações de campo e o uso de equipamentos. Ainda assim, o jogo desses povos está imbuído fortemente no caráter primitivo, nomeadamente na questão do jogo servir basicamente para as reuniões sociais e para o convívio entre os povos.

A história do jogo tem sido documentada por muitos autores. "Desde o descobrimento da América os europeus haviam observado o uso, pelos nativos do México e da América do Sul, do leite ou *látex* de certas árvores a que denominavam *Hervé* ou *Cautchuc* na confecção de bolas, para jogo, na impermeabilização de diversos materiais, ou ainda como combustível na fabricação de tochas e de flechas inflamáveis" (Branco, 1989, p. 35). Não obstante, o jogo aparece nas bibliografias sobre os indígenas, muito mais aproximado do aspecto da competição, expresso nas lutas individuais ou nas guerras, sendo um aspecto a ser considerado como deveras insigificante para o nosso estudo.

O jogo é uma característica dos indígenas, pois é pelo

jogo que se transmitem valores culturais de várias gerações. Da mesma forma a brincadeira infantil está revestida de valores, principalmente os míticos que procuramos transmitir para as nossas crianças (Arthur Ferreira, nosso informante). Para um Tukano, brincar significa viver o mundo dos seus antepassados. Em seu conteúdo, cada brincadeira exalta um herói, um mito, um feito ou um acontecimento do cotidiano. O jogo é vida porque está sempre ligado em disputa, na sobrevivência e na manutenção viva das tradições. O jogo, para esses povos, é sem dúvida um meio de expressar seus costumes. O jogo é uma maneira de sobreviver a todas as dificuldades que existem na selva. Jogo e ritual estão muito próximos e é na análise destes dois acontecimentos realizados na reserva indígena que temos uma melhor compreensão antropológica de ambos. Nos rituais encontramos vários aspectos do jogo que estão claramente caracterizados, bem como alguns valores da competição. Na realização dos rituais fica explícita a característica do sofrimento para vencer uma etapa escalonária da vida. O ritual expressa-se pela agonia e pelo sofrimento que os seus executantes desprendem para a sua realização. Essa agonia poderá mesmo chegar à morte, preferindo os executantes esta a deixarem de cumprir uma das etapas do ritual. Observamos a maneira como um indígena encara um ritual sem, contudo, perder sua capacidade de estar alegre. O sofrimento, por exemplo, de comer pimenta no ritual de iniciação dos Tukano é visto como um sofrimento benéfico, pois a ingestão da pimenta, na visão cosmogônica daquelas comunidades, faz com que o jovem seja resistente e pronto para o trabalho de sustento da família.

O vencer um ritual, passar por uma experiência que efetivamente envolve o corpo físico em estado de sofrimento que somente é encontrado no cumprimento das exigências impostas pelos deuses e pela força da mitologia, é a única

maneira que encontramos de dar sentido e justificação ao que os indígenas apontam como fortalecimento do corpo-espírito. Afirmamos que o sofrimento físico leva indubitavelmente ao fortalecimento do espírito, embora o procedimento do ritual enfoque fundamentalmente o corpo físico. Observamos que a maior conquista com a efetivação das provas ritualísticas está centrada na preparação do espírito e que isto se constitui numa característica superior de "viver" para um Tukano.

Pela caracterização dada ao jogo e pela maneira como os indígenas conseguiram mudar suas vivências em função do que era permitido, incorporando à sua cultura dados exteriores, alheios às suas crenças foi possível entender o jogo como fundamento social de grande valor para a cultura amazônica. Nesta ótica, as atividades desenvolvidas pelas missões que atuavam na região tornaram-se imprescindíveis para a vida social de todas as comunidades, que passaram a comemorar as festas religiosas, tendo oportunidade de reatualizar seus rituais e praticar jogos cuja essência estava relacionada com a mitologia. Durante a nossa recolha etnográfica, ouvimos depoimentos como o que se segue, que reflete a relação entre as atividades religiosas e o jogo: *O jogar futebol é como ir à missa todos os dias, é obrigatório e fazemos mesmo em frente à igreja.* Esse pensamento de um jovem indígena é, sem dúvida, uma homenagem de respeito para com o futebol, ou melhor, para com a atividade física e a reunião social decorrente desta. O jogo de futebol é colocado ao nível de um ato de profissão de fé. O jogo tem função religiosa e ocupa o espaço similar ao da igreja. A situação levantada a respeito da obrigação de jogar todos os dias é, também, similar ao ato de rezar, ir à missa todos os dias.

No âmbito da cultura amazônica

Desde o descobrimento do Brasil que a Amazônia vem sendo palco de estudos científicos. Alguns estudos remetem ao passado para justificar os descaminhos do presente, como é o caso da perda do monopólio das riquezas naturais e a invasão das terras indígenas (Costa et al, 1992; Oliveira, 1993; Darcy Ribeiro, 1986; Weinstein, 1993). Outros estudos indicam a história da descoberta como a verdadeira desventura da região (Castro, 1945; Freire, 1993; Gondim, 1994; Luna, 1993; Darcy Ribeiro, 1987 e Rosário, 1993).

Neste sentido, a Amazônia tornou-se fonte atrativa, despertando a cobiça internacional, onde os registros, os estudos, os dados mostram uma supervalorização dos recursos naturais, chegando a criar verdadeiros absurdos sobre a economia que a região podia oferecer ao explorador. Como fruto destes levantamentos, houve épocas de preocupação exagerada com a produtividade dos recursos naturais, onde tivemos grandes investimentos para suportar a exploração destes. Estabeleceu-se, então, um ciclo histórico caracterizado pela fatura de produtos que poderiam ser comerciáveis em outros continentes. Tomemos como exemplo as ervas medicinais, o cacau, o cravo, a canela, a salsaparilha, a baunilha, a copalba que tinham mercado certo na Europa e podiam ser colhidos, elaborados e transportados com o concurso da mão-de-obra indígena, farta e acessível naqueles "primeiros tempos", como bem documentaram Darcy Ribeiro (1986) e Souza (1994).

O período áureo da exploração da borracha tem sido bem documentado como uma época que trouxe grandes investimentos à Amazônia (Branco, 1989; Gondim, 1994; e Souza, 1994). Porém, as conseqüências deste período foram refletidas nos habitantes das margens dos rios (ribeirinhos), nos habitantes das zonas interioranas (caboclos) e mais intensamente nos povos

indígenas que tiveram suas terras invadidas e, como consequência, a dilapidação dos seus costumes (Darcy Ribeiro, 1996).

A exploração de madeira contribui para uma divulgação errônea sobre a Amazônia. Essa é uma questão cultural muito delicada, porque, além das madeiras de grande porte que exploram e beneficiam a madeira nos confins da Amazônia, existe também o caboclo que sobrevive desta atividade. O fato não requer somente a crítica ao desmatamento, como é comum vermos na comunicação social. É necessário que as opiniões contrárias ao desmatamento reflitam sobre a consciência de que o homem amazônico existe e precisa, de alguma maneira, ter direito à vida e à sobrevivência.

A indústria, principalmente a de montagem, reflete também os aspectos culturais da Amazônia. A transformação do imenso Estado num centro de desenvolvimento eletrônico foi uma tentativa que gerou divisas e que projetou a Amazônia no cenário nacional. Mas é preciso, antes de mais nada, ter conhecimento do modo de vida dos habitantes da região Norte do Brasil. As condições culturais baseadas na herança silvícola, as altas temperaturas e a elevada umidade relativa do ar indicam que os nossos operários tinham um desenvolvimento menor em relação ao operário de outras regiões. O resultado disto foi trágico e hoje a mão-de-obra do centro eletrônico é quase toda de outros estados, gerando um desemprego arrasador para o verdadeiro amazônense.

No âmbito científico, nos encontramos divididos por pontos de vista que compreendem maior incidência conforme os grandes interesses das potências dominadoras do capital e os assuntos oscilam conforme a temática da moda. É o caso do estudo da colonização, da exploração da borracha, da luta para fabricação de pêlos artificiais, da exploração da madeira, dos minérios, dos peixes ornamentais e comestíveis e hoje da destruição da selva e a biopirataria de produtos naturais para a bioquímica.

A imprensa, muitas vezes, divulga a Amazônia de forma demagógica e fantasiosa, dando notícias de que andam nas ruas de Manaus cobras venenosas, onças assassinas e índios sem roupas. Raramente escreve-se sem demagogia sobre a Amazônia. Poucos são os estudiosos que realmente traçam um perfil sério, com suporte de pesquisa e cunho científico (a esse respeito ver p. ex. Batista, 1976; Béksia, 1988 e 1996; Porto, 1992 e 1995; Darcy Ribeiro, 1975, 1986, 1987; Berta Ribeiro, 1992 e 1995; Souza, 1994). Com uma visão caótica, a Amazônia sempre foi estudada por cima, vista a partir de sua fauna, da riqueza de sua flora. Poucos estudos refletem a vida dos seres que habitam aquela área, principalmente, quando estes seres são denominados cruelmente de índios, logo, contracultura, selvagens, sem alma. Encarando a realidade pelo lado de uma cultura furtiva, marginalizadora e opressora que se estabeleceu pelas várias regiões brasileiras, o índio passa a ser visto como um problema social gravíssimo para o Brasil. Os conhecimentos advindos deles não são de interesse para a sociedade e, quando há interesse, buscamos o lado mais desumano para estabelecer julgamento da existência ou não daqueles que foram nossos primeiros habitantes (ver p. ex. o caso recente de um índio Pataxó que teve seu corpo submetido a um incêndio, provocado por um grupo de estudantes na cidade de Brasília).

Durante a elaboração deste livro, tivemos oportunidade de conhecer de perto o problema indígena brasileiro. Este ângulo, constituiu-se num grande desafio. O corpo, a recreação, o lazer, a competição, enquanto recolha do patrimônio lúdico-ritual dos povos da Amazônia, têm ficado em segundo plano, sendo assunto de difícil realização, principalmente na Educação Física atual. Interesse, primeiro por se saber que estamos numa área praticamente nova. Desafio de estudar um campo científico que, para nós, professores de Educação Física, é

pouco conhecido. Por outro lado, pensamos que, com esta investigação, poderemos compreender os grandes temas antropológicos atuais que servem de justificativa para o desporto moderno, e que podem se expressar nos jogos praticados pelos povos da Amazônia brasileira. Existem, conforme a observação nos comprovou, várias componentes do desporto moderno expressas nos rituais, o que nos leva a supor uma estreita relação entre um e outro, sendo difícil de estabelecer parâmetros que possam identificar o processo de aculturação lúdica existente entre ambos. Desafio em conhecer os grandes temas antropológicos que buscam justificar os desportos modernos e podem ser observados mais nitidamente na vivência dos povos da Amazônia brasileira.

A Amazônia é um espetáculo romanesco de todos os tempos, por exemplo o monumental romance de Ferreira de Castro que, embora antigo, continua a mostrar-nos uma realidade viva. Hoje, encontramos uma vastíssima coletânea que romancea este tema. Podemos citar, entre outros, a obra de Bopp que versa a *cobra-grande*, figura primordial na composição da história dos indígenas da Amazônia. Os livros de Engrácio traçam o enredo dos contos que perfazem os caminhos das lendas, caracterizando um importante manancial na construção mitológica regional. Altino Brasil faz uma abordagem do simbolismo do mito e enaltece a figura do Buopé como o cacique guerreiro da região. A poesia de Thiago de Mello que, além de historiar a Amazônia, consegue aproximar o leitor do mundo fascinante da cultura baré. Com a capacidade de desenvolver temas de interesse científico no cunho literário, podemos citar Márcio Souza que tem colaborado com muitas obras sobre temas amazônicos. Por outro lado, é em Bopp que encontramos bem caracterizada a função mitológica e lendária da região, o que nos mostra a importância da “grande cobra” no imaginário popular. O sentido das fábulas e dos contos estão bem docu-

mentados na obra de Engrácio. Bopp (1988); Brasil (1982); Engrácio (1986); Mello (1991) e Souza (1979, 1994 e 1997).

A mitologia faz-se presente como um dos caminhos para conhecer a Amazônia. Notadamente, essas obras perfilam um universo amplo e por maior que seja o esforço de explorá-lo, dada a sua grande amplitude, pouco existe publicado. Como um efeito geográfico de dimensão incommensurável, carente de recursos e de conhecimentos que possam facilitar um melhor entendimento da área, assim também são encarados os valores da mitologia na região amazônica. Tudo não passa de informações escassas. Somente pelo caminho dos estudos mitológicos, num esforço comum de várias áreas do conhecimento, é que teremos condições de conhecer melhor os primeiros moradores do Brasil. Não há conhecimento que resista a um conceito único, sem apoiar-se em outras áreas. Talvez para algumas etnias, a mitologia é sem dúvida sua história, seu significado de existência. Chamamos atenção para a necessidade de conhecermos melhor o mundo do mito amazônico, como forma de entender que, por debaixo daquela imensa selva, habita um ser humano como nós. Neste aspecto, consideramos que a Amazônia deve ser estudada de fora do sentido telúrico que muitos autores têm empregado, como é a proposta de Cristóvão (1983).

O reconhecimento dos valores culturais existentes na Amazônia mostra-nos um outro aspecto importante para este momento, que é a preservação dos valores humanos ali existentes. Esta não é uma preocupação apenas deste estudo, embora somente há três décadas os antropólogos tenham começado a interessar-se pelo saber indígena (ver Beta Ribeiro, 1987). Laplantine (1993) alerta-nos para a urgência de preservação dos patrimônios culturais locais ameaçados. Por outro lado, Wagley faz um estudo comparativo e conclui que há necessidade urgente de preservar a cultura local, nomeada-

mente a cultura indígena (Wagley, 1988). Márcio Souza afirma-nos que há uma lacuna provando o quanto ainda precisamos avançar os estudos amazônicos (Souza, 1994).



Enquadramento panorâmico da região

A região que escolhemos para estudar, ainda causa bastante expectativa para muitas pessoas que não a conhecem. O vislumbre por uma Amazônia intacta e cheia de animais é muito comum em vários países fora do continente americano. “A Amazônia é o maior ser vivente que jamais se viu. Uma enormidade de massa viva, nascendo e morrendo continuamente, nutrido-se de areias, de águas e terra. Mas, sobretudo, de si mesma, numa autofagia em que se desfaz e refaz, enquanto se multiplica e se diversifica em miríades de vegetais e animais. De dia, aspira carbono e expira oxigênio. De noite, inverte o ciclo. Dia e noite, sua e exsuda, extrai da atmosfera o nitrogênio de que se nutre, numa interação contínua de seu folhame com o ar e com o sol”. (Berta Ribeiro, 1995, p. 147).

A idéia passada pela autora mostra-nos uma perspectiva real de uma Amazônia imaginária. Ela é tudo que afirma Berta Ribeiro, e muito mais, quando é considerada a maior região